



TELEJORNALISMO E DITADURA MILITAR: A RESSIGNIFICAÇÃO DO PASSADO PELA MAIOR REDE DE TV DO BRASIL

Christina Ferraz Musse*
Humberto Viana**

Resumo: No ambiente competitivo da imprensa contemporânea frente à ascensão das redes sociais como meios através dos quais, cada vez mais, o público se informa, veículos de comunicação tradicionais, como a TV aberta, têm elaborado estratégias para manter ou recuperar sua reputação junto à audiência, por meio da defesa da qualidade do conteúdo jornalístico veiculado. No caso específico da Rede Globo de Televisão, a maior do Brasil, tornou-se indispensável recuperar a confiabilidade do público, por meio de narrativas de rememoração, que deslocam o perfil da emissora de aliada da ditadura militar brasileira (1964/1985) para vítima, ou antagonista. Para demonstrar os artifícios narrativos usados para tal fim, analisaremos o programa “Especial Globo 50 Anos”, a série de cinco episódios do “Projeto William Bonner no JN”, e a supersérie “Os dias eram assim”, baseados nos estudos de memória e na metodologia de análise crítica da narrativa. **Palavras-chave:** Telejornalismo. Ditadura. Memória.

Abstract: The environment of the contemporary press has become competitive with the rise of social networks, which are more and more used by the public. In this setting, traditional means of communication, such as the open TV, have elaborated strategies to protect or regain its reputation with the audience by protecting the quality of news content aired. In the case of the Rede Globo de Televisão, the largest in Brazil, it has become indispensable to recover the reliability of the public. This was done through narratives of remembrance, which shift the profile of the broadcast from ally of the Brazilian military dictatorship (1964/1985) to victim or antagonist. To demonstrate the narrative artifacts used for this purpose, based on memory studies and the methodology of critical analysis of the narrative, we analyze the program “Especial Globo 50 Anos”, the five-episode series “Projeto William Bonner no JN”, and the serie “Os dias eram assim”.

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pós-doutora, Brasil
E-mail: cferrazmusse@gmail.com

** Aluno do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mestrando, Brasil.
E-mail: beto92beto@gmail.com
DOI: 10.19177/memorare.v5e32018292-306



REVISTA
MEMORARE

 UNISUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

O tema central deste trabalho é a análise das estratégias narrativas do telejornalismo da Rede Globo de Televisão para ressignificar a sua história, em especial a sua relação com os militares, durante os 21 anos da ditadura. A maior rede de televisão do Brasil foi inaugurada em abril de 1965, no Rio de Janeiro, onde o “doutor” Roberto Marinho já era dono de um jornal e de uma rádio. À época, a principal rede de comunicação do país, incluindo jornais, revistas, rádios e emissoras de TV, pertencia ao empresário e jornalista Assis Chateaubriand, que morreria em 1968. O fim do império de Chatô que, como quase toda a grande imprensa, havia apoiado o golpe civil-militar de 1964, coincide com a ascensão da Globo, empresa muito mais afinada com os propósitos dos militares que, apesar de um intenso nacionalismo, estavam totalmente abertos ao capital internacional.

Na década de 1960, o Brasil se urbanizava e a televisão, inaugurada no país em 1950, por Chateaubriand, tornar-se-ia o veículo mais estratégico para formar a opinião pública, principalmente das classes médias em ascensão. Os propósitos do governo militar, baseados na doutrina de Segurança Nacional e em um projeto de integração de todo o país, casaram-se perfeitamente com os interesses do grupo privado, que recebeu orientação e recursos norte-americanos. Na nascente TV Globo, a combinação de entretenimento (programas de auditório e telenovelas) com o telejornalismo (o primeiro telejornal a atingir todo o território brasileiro foi o “Jornal Nacional”, JN, em 1969) selou o sucesso do meio eletrônico que só mais recentemente enfrenta o poder da concorrência da *web*.

Durante o período militar, o conglomerado da Globo cresceu de forma vigorosa, com acesso fácil a financiamentos, sem o limite de uma legislação para regular e cercear a formação de oligopólios, com o uso intensivo de tecnologia de ponta, e o domínio da linguagem televisiva. Apesar da censura e de algumas pressões dos militares, a empresa se desenvolveu nos 21 anos do regime de exceção, porém teve que se preparar para a abertura política e a redemocratização dos anos 1980. Embora tenha continuado a



crescer, foi acusada de se render aos propósitos da ditadura e, com a ascensão da esquerda ao poder, mesmo continuando a ter a hegemonia da audiência, foi taxada de colaboracionista e parcial, principalmente no seu telejornalismo.

Sempre na mira dos movimentos populares, dos partidos de esquerda, da intelectualidade e do meio acadêmico, o telejornalismo da Globo passou a ser o alvo preferencial das críticas dos formadores de opinião. Com as redes sociais, a situação ficou incontrolável, e, portanto, foi preciso gerenciar o passado e a memória. Este artigo tem o objetivo de analisar três produtos televisivos para entender como a empresa tem ressignificado o seu passado, em especial no período da ditadura militar. Para tanto, serão analisados o “Especial Globo 50 Anos”, a série de cinco episódios do “Projeto William Bonner no JN”, e a supersérie “Os dias eram assim”.

2. Os “senhores” da memória

Para Huyssen (2000), não é mais possível pensar em qualquer trauma histórico como uma questão ética e política séria sem levar em conta os múltiplos modos com que ele está agora ligado à mercadorização e à espetacularização em filmes, museus, docudramas, sites da internet, livros de fotografias, histórias em quadrinhos, ficção e até contos de fadas e música popular. Essa disseminação da memória é ampla, tanto geográfica quanto politicamente, podendo inclusive ser usada, por exemplo, como mecanismo de legitimação na “americanização do holocausto” (HUYSSSEN, 2000) ou no abrandamento das perigosas relações entre meios de comunicação e ditaduras na América Latina.

É importante perceber que os discursos cronologicamente situados no passado constroem o presente, uma vez que “[...] a linguagem que articula e sustenta a memória, já por si só inoculadora de valores institucionais, é modelada para reelaborar o passado através do presente” (MOTTER, 2001, p. 2). Dessa forma, os programas de rememoração estimulam uma memória nacional, que não é espontânea. As lembranças, os esquecimentos e os silêncios de uma narrativa revelam mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Le Goff (1996, p. 141) resume muito bem tais pretensões. Segundo ele, “[...] tornar-se senhores de memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das



classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram ou dominam as sociedades históricas”. Por isso, a partir do momento em que a Rede Globo desenvolve programas para rememorar sua trajetória institucional, os telespectadores têm contato com o passado recriado à luz de um contexto de produção, com toda a complexidade que isso possa representar.

Inseridas no contexto anteriormente citado, as empresas contemporâneas têm entre suas principais preocupações a preservação memorialística de sua trajetória institucional. Os centros de memória institucional são um espaço relativamente recente, datados dos anos 2000, e utilizados principalmente como estratégia de gestão, como potencializadores de um lugar de fala pautado por experiência e tradição.

Segundo Pazin (2015), um centro de memória é um setor ou unidade de cada instituição que busca reunir, organizar, conservar e produzir conteúdo a partir da memória institucional, utilizando-se tanto de documentação histórica da organização quanto da memória de seus colaboradores e de outros atores caros à sua vida institucional. O aspecto documental é apenas uma parcela da totalidade das informações memorialísticas de uma instituição, pois elas também estão nas pessoas. Parte significativa do trabalho realizado nesses centros é justamente coletar a memória dessas pessoas, utilizando diversas ferramentas e metodologias de registro, como a da história oral, com a realização de entrevistas. Esse acervo é importante também pelo uso que se pode fazer dele. Isso porque a preservação da memória de uma instituição pode ser o repositório a partir do qual é possível desenvolver projetos, serviços e produtos.

Com esse panorama, a “Rede Globo”, desde a década de 1990, desenvolve o “Projeto Memória Globo”, marcado por uma série de iniciativas das empresas de comunicação do grupo da família Marinho, buscando preservar a memória dos veículos que as compõem. Segundo a emissora, por meio de seu site, os integrantes do projeto fazem diversas entrevistas e pesquisas para a obtenção de informações. Dentre os frutos do trabalho do grupo, destacam-se: (I) o “Dicionário da TV Globo”, que traz em verbetes os programas produzidos pela emissora nos setores de teledramaturgia e entretenimento, lançado em 2003; (II) o livro “Roberto Marinho”, escrito pelo jornalista Pedro Bial, que traz um perfil biográfico do antigo dono da empresa e jornalista, falecido em 2003; (III) o livro “Almanaque da TV Globo”, lançado no ano de 2006, com os principais programas desde a sua inauguração; (IV) o livro “Jornal Nacional: a

notícia faz história”, lançado em 2004, nas comemorações dos 35 anos do noticiário; (V) o site oficial lançado no dia 7 de junho de 2008, em comemoração aos 43 anos da emissora; e (VI) o livro “Autores: histórias da teledramaturgia”, lançado no final de 2008, com 16 autores da emissora.

Além desses produtos, a emissora também produziu especiais em comemoração aos seus aniversários de fundação. E, em todos os anos, desde 1967, leva às telas o programa de retrospectiva que busca salientar a onipresença da emissora nos vários acontecimentos anuais. As publicações e os produtos audiovisuais citados demonstram que a preservação da memória do grupo Globo possibilitou ganhos mercadológicos importantes e também a delimitação de um lugar simbólico na sociedade brasileira.

Segundo Pazin (2015), embora seja nova a ideia de que a memória de uma organização possa ser utilizada como estratégia para sua administração, ao longo dos anos, ela tem sido percebida como um fator importante para a reputação das organizações ao demonstrar como os valores e a missão institucional podem ser responsáveis pelo fortalecimento de sua imagem junto ao público externo. Portanto, rememorar a trajetória de uma instituição, para além de uma necessidade atual, tal como demonstrou Huyssen (2000) e Nora (1993), é uma ferramenta de construção simbólica considerada eficiente e importante.

3. A historicidade mediada

Segundo Thompson (2009), no passado da história humana, em suas diversas conjunturas, as interações sociais eram face a face, ou seja, a partir da aproximação e de trocas dentro de ambientes físicos compartilhados. Essas interações, segundo ele, eram marcadas pelas tradições orais que se manifestavam de acordo com um processo contínuo de renovação e de reinvenção, por meio de inúmeros atos criativos. Embora abertas em conteúdo, eram restritas em termos de alcance geográfico. Dependiam, portanto, da interação pessoal e do deslocamento físico dos indivíduos.

Contudo, o desenvolvimento dos meios de comunicação, a partir do século XV, articulou novas formas de ação, interação e tipos de relacionamentos sociais. Os meios promoveram, a partir de então, uma complexa reorganização dos padrões de interação humana através do tempo e do espaço. A comunicação propiciou, dessa forma, a



interação entre indivíduos que não compartilhavam o mesmo ambiente espaço-temporal, diferenciando-se radicalmente do modelo preexistente.

Foi com o surgimento da indústria da imprensa e, posteriormente, com a emergência dos diversos meios eletrônicos de comunicação, que a disseminação das formas de interação mediadas e quase mediadas modificou as características da vida social do mundo moderno (ou hipermoderno), agora repleto de interações que perderam seu caráter imediato. A televisão aparece, dessa forma, como marca característica da quase interação mediada. Tecnicamente falando, uma de suas conquistas é a sua capacidade de utilizar uma grande quantidade de deixas simbólicas tanto auditivas quanto visuais. Ainda no caso da televisão, segundo Thompson (2009), os indivíduos que se comunicam por meio dela podem ser vistos agindo dentro de um específico contexto espaço-temporal.

Na quase interação proporcionada pela televisão, processa-se, de acordo com Thompson (2009), o trancamento de três agrupamentos de coordenadas (coordenadas espaço-temporais de produção, coordenadas espaço-temporais da mensagem televisiva, coordenadas espaço-temporais dos diversos contextos de recepção), o que se denomina de “interpolação espaço-temporal”. Nesse sentido, ao ter contato com as mensagens televisivas, os indivíduos receptores se orientam cotidianamente para outros espaços e tempos, diversos daqueles que caracterizam seus contextos de recepção. O autor denominou esse processo de experiência espaço-temporal descontínua.

Assim, os meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, introduzem novos e importantes elementos na vida política e social ao tornar disponível aos indivíduos imagens e informações de acontecimentos e de lugares muito além de seus ambientes sociais imediatos. Esse fenômeno demonstra que a mídia não se preocupa em apenas descrever o mundo social, mas se envolve ativamente na construção dele, modelando e influenciando o curso dos acontecimentos, e ainda criando acontecimentos que poderiam não ter acontecido em sua ausência.

A mídia fornece ao sujeito novas experiências (experiências mediadas), novos sentidos de pertencimento (sociabilidade mediada) e sentidos de passado (historicidade mediada) (THOMPSON, 2009). Oferece, também, recursos simbólicos que atuam como possibilidades para a construção de um saber sobre si. Se antes da mídia uma das formas de obter sentidos para a formação das identidades era a interação face a face,



com o avanço dos meios de comunicação e da imprensa, as informações passaram a chegar ao sujeito por meio das mediações.

Os três produtos audiovisuais, objetos deste artigo, são característicos das preocupações institucionais da contemporaneidade e fomentam a exaltação da emissora perante a sociedade que lhe assiste. Os programas rememoram, cada um à sua maneira, a atuação da Globo ao longo de períodos paradigmáticos de sua trajetória institucional. A produção televisiva revela o que Nora (1993) discute em seu texto sobre a relação entre os meios de comunicação e a construção histórica. Segundo ele, os acontecimentos históricos são fruto da mediação feita pelos meios de comunicação, o que quer dizer que só se torna histórico aquilo que se faz conhecer por meio deles. “[...] Imprensa, rádio, imagens não agem como meios dos quais os acontecimentos seriam relativamente independentes, mas como a própria condição de sua existência” (NORA, 1993, p. 181).

Os meios de comunicação de massa seriam, dessa forma, portadores da elevação de sentido dada à história, o que Thompson (2009) denominou de “historicidade mediada”, ou seja, as formas pelas quais as pessoas se relacionam com o tempo passado e com a interpretação e transmissão dos fatos, principalmente por meio dos veículos de comunicação. Segundo Thompson (2009, p. 51):

[...] A massificação e o crescimento tecnológico colocam em risco as narrativas face a face e as interações sociais, fruto dessa relação. Dessa maneira, ocorre um acréscimo na hora de transmitir as experiências do passado, acréscimo esse que se dá em função da incorporação e da exposição das pessoas às mídias e aos seus conteúdos. Por esse motivo, Thompson acredita que as noções de tempo e espaço passam por transformações. O sentido de pertencimento das pessoas agora é mediado pela comunicação e pelos fatos por ela divulgados.

A princípio, numa observação superficial dos objetos, é possível identificar que a “Rede Globo” buscou mostrar sua capacidade de adaptação, sua brasilidade e sua onipresença na casa dos brasileiros. Buscou mostrar também que tem a deixar um legado para a posteridade. Em suma, a emissora esforçou-se para destacar o quão histórica é para aqueles que a assistem. Essa busca dos meios de comunicação por um lugar de importância na história é analisada por Barbosa em um texto publicado em 2016. Segundo ela, os meios de comunicação, de maneira geral, produzem uma articulação textual baseada na noção de testemunho. A partir do nível declaratório do testemunho, efetuam uma versão do acontecimento com a pretensão de ser, desde sua



construção, uma espécie de arquivo para a história. Dessa forma e de acordo com o seu texto, se fosse feita uma generalização, o que os meios de comunicação fazem é produzir relatos válidos e amplamente reconhecíveis, inserindo-os na história.

Assim, os meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, introduzem novos e importantes elementos na vida política e social ao tornar disponível aos indivíduos imagens e informações de acontecimentos e de lugares, muito além de seus ambientes sociais imediatos. Dessa forma, a mídia fornece ao sujeito novas experiências (experiências mediadas), novos sentidos de pertencimento (sociabilidade mediada) e sentidos de passado (historicidade mediada) (THOMPSON, 2009). Oferece também recursos simbólicos que atuam como possibilidades para a construção de um saber sobre si. Se, antes da mídia, uma das formas de obter sentidos para a formação das identidades era a interação pessoal, com o avanço dos meios de comunicação, as informações passaram a chegar ao sujeito por meio das mediações.

4. A rememoração que passa a limpo o passado: “Especial globo 50 anos”

No dia 26 de abril de 2015, a maior empresa de comunicação do Brasil, a Rede Globo, completou 50 anos da sua fundação. O contexto de seu cinquentenário permitiu à emissora produzir uma gama de programas a fim de exaltar sua importância perante a sociedade brasileira (VIANA, 2017). Um desses programas, “Especial Globo 50 Anos”, fez um retrospecto da trajetória da emissora por meio de um show com a narração dos jornalistas Pedro Bial e Fátima Bernardes. O programa foi exibido na noite de sábado, dia 25 de abril, e contou com a participação de todos os departamentos da emissora.

O especial de uma hora e vinte e quatro minutos exaltou aquilo que, pelos critérios da Divisão de Entretenimento, foi considerado como memorável. No âmbito desta análise, interessa-nos em especial destacar:

- a) A apresentação e a narração do programa são feitas por dois dos principais jornalistas da emissora, Pedro Bial e Fátima Bernardes, ao estilo que consagrou a cobertura jornalística dos grandes desfiles das escolas de samba paulistas e cariocas. Eles falam de Roberto Marinho, criador da TV: um “apaixonado pela informação, um apaixonado pelo Brasil” (segue um clipe com imagens jornalísticas/documentais da construção e inauguração da TV Globo do Rio de



Janeiro, com trilha sonora, em BG³⁹, usada nos especiais de fim de ano da emissora);

- b) O primeiro quadro do programa mostra três comediantes que datilografam em máquinas de escrever: eles são os solistas de uma peça musical, que usa o som das máquinas como o de um instrumento. Nos telões, ao fundo do palco, aparecem imagens do jornal “O Globo”, que anunciam a inauguração da mais nova emissora de TV do país;
- c) As vozes de Carlinhos Brown e Deni, acompanhadas pela percussão da Timbalada, entoam “Parabólicamará”, de Gilberto Gil. Esse é o único quadro que faz menção explícita ao jornalismo. Os apresentadores se alternam lendo o seguinte texto: “O ‘Jornal Nacional’ foi o que permitiu que o Brasil inteiro se unisse em rede. A partir daquele momento, algo que acontecesse em qualquer lugar do país ou do mundo poderia ser visto de norte a sul, de leste a oeste”. Na sequência, os três acontecimentos que resumem esse conceito: a primeira cobertura internacional, com Hilton Gomes, em Cabo Canaveral, na Flórida, Estados Unidos, em 1969, na expectativa do lançamento do foguete que iria levar o homem à lua; o correspondente Sílio Boccanera narrando a queda do muro de Berlim, em 1989, e Cid Moreira, na bancada do “Jornal Nacional”, anunciando a cobertura do comício das “Diretas Já”, na Candelária, no Rio de Janeiro, em 1984. Chama-nos especialmente a atenção o destaque dado pelo programa ao comício, que sugere o alinhamento da emissora com a democratização do país, deixando nas sombras o envolvimento da empresa com a ditadura militar.

Também é importante destacar outro momento do programa especial, em que são lembradas minisséries produzidas pela emissora, que contaram e recontaram a história do Brasil e “que demonstraram pelo seu sucesso como o povo brasileiro gosta da história do Brasil, como é que foi o processo de construção desta nação, aliás, processo que continua em andamento”. Os locutores, que se alternam, anunciam: “A história política do Brasil: ‘JK’...’Anos rebeldes’... Os ‘caras-pintadas’, protagonistas de um movimento que culminou com o *impeachment* de um presidente e que, sim, foram influenciados por uma minissérie: ‘Anos rebeldes’. É a televisão não apenas narrando a

³⁹ BG é a sigla para *back ground*, termo utilizado na sonoplastia radiofônica e audiovisual.



história, mas fazendo a história”. As palavras dos apresentadores sintetizam como, nesse caso, a ficção narra para a audiência os acontecimentos que, segundo a indústria cultural, têm o status de serem considerados históricos. Além disso, esses acontecimentos são rememorados de acordo com a lógica narrativa do espetáculo, em que conflitos se sucedem até chegar ao clímax e posterior desfecho.

5. Os jornalistas e a construção narrativa do passado: “Projeto William Bonner”

Entre as atividades comemorativas dos 50 anos da Rede Globo de Televisão, ganhou destaque, no horário nobre da emissora o “Projeto William Bonner”, exibido na penúltima semana de abril de 2015, em cinco episódios, que ocuparam um bloco do “Jornal Nacional” (JN), o de maior audiência da emissora e o primeiro, como foi citado anteriormente, a ser transmitido ao vivo simultaneamente para todo o Brasil, para contar algumas das histórias vividas por 16 jornalistas da emissora.

Na cenografia do estúdio, encontram-se algumas chaves de leitura para o que vai ser narrado:

O estúdio montado especialmente no Projac⁴⁰ tem o formato de uma ágora, onde os jornalistas estão dispostos em dois semi-círculos. No centro, como um tótem, um pedestal exhibe a logomarca da emissora, muito colorida. Na coluna octogonal que sustenta a logomarca, aparecem várias pequenas telas de TV de plasma. Em painéis espalhados pelo fundo do cenário, *frames* ou quadros de imagens de diversas reportagens que fizeram época. O estúdio é branco e, ao fundo, aparecem as palavras *jornalismo*, *história* e *emoção* [grifo nosso], em trabalho efetuado pela pós-produção (MUSSE; THOMÉ, 2016, p. 69).

No espetáculo de rememoração, é possível se reconhecer as disputas simbólicas que estão impregnadas em cada narrativa. Assim, podem-se identificar as opções editoriais que vão produzir no espectador a visão de um mundo, que não é o “real”, mas a representação desse “real”, efetuada pela mediação da linguagem:

É de se notar que nenhum relato menciona o continente africano, nem quando a temática são os desastres naturais, os grandes eventos esportivos, ou o terrorismo, que caracterizam as reportagens que retratam a Ásia. A América Latina só é lembrada durante a guerra das Malvinas e a Copa do Mundo da Argentina (MUSSE; THOMÉ, 2016, p. 71).

⁴⁰ O Projac é o Centro de Produção da Rede Globo, na zona oeste do Rio de Janeiro.



Os relatos estão impregandos pela subjetividade e pelo jogo sutil entre lembrança e esquecimento. Entre os “senhores da memória”, aqueles 16 jornalistas escolhidos para rememorar, apenas quatro mulheres, em um cenário dominado pelos homens; apenas dois negros, em ambiente dominado pelos brancos.

Na abordagem da primeira década, 1965 a 1974, praticamente nenhuma menção a fatos que desabonem a trajetória da emissora ou a de seu jornalismo. “Os depoimentos de Roberto Irineu Marinho, Armando Nogueira e Ronan Soares destacam as dificuldades da imprensa diante das limitações da censura, sem fazer qualquer menção à relação delicada entre a Globo e os militares” (MUSSE; THOMÉ, 2016, p. 74).

Da mesma forma, o episódio que trata do período de redemocratização, de 1975 a 1984, dedica grande parte do tempo a mostrar os grandes comícios que tomaram conta do país, sem que se detenha sobre a tardia “entrada” da emissora na cobertura do movimento das “Diretas Já”. O apresentador é categórico: as imagens estavam lá, embora a chamada do então locutor Marcos Hummel só contemplasse as comemorações do aniversário da capital paulista, e a reportagem de Ernesto Paglia só abordasse a manifestação em sua metade final. Bonner sugere que o espectador interessado consulte mais detalhes sobre a polêmica no portal “Memória Globo”.⁴¹

Nos outros períodos históricos rememorados, 1985 a 1994, 1995 a 2004, e 2005 a 2015, os programas celebram a vocação da emissora para as grandes coberturas, sua isenção e eficiência. Ao assistir a esse grande espetáculo de rememoração, é muito concreta a percepção de que as imagens que os brasileiros têm de seu país e do mundo passaram pela telinha da Globo. “A nossa memória se confunde com o que a Globo mostrou. O problema é aquilo que ela não mostrou, por falta de condições técnicas, recursos humanos, conveniência ou desejo político” (MUSSE; THOMÉ, 2016, p. 82).

6. Jornalismo, ficção e a rememoração: “Os dias eram assim”

No dia 17 de abril de 2017, a Rede Globo de Televisão estreou a supersérie de ficção “Os dias eram assim”, que narra a história de amor entre os protagonistas Renato

⁴¹ O portal “Memória Globo” (<http://www.memoriaglobo.globo.com>) apresenta várias informações sobre a emissora e tem uma aba identificada como “Erros”. Acessando esse espaço, é possível conhecer os episódios sobre os quais a emissora reconhece ter errado na sua cobertura jornalística. São dois episódios: as “Diretas Já”, em 1984, e o “Debate Collor X Lula”, em 1989.

Reis e Alice Sampaio, no período que vai de 1970 a 1988. O roteiro tem todos os ingredientes do folhetim e do melodrama, porém, aqui, o que nos interessa não é a simples evolução do conflito, mas a forma pela qual, ao misturar o relato ficcional a conteúdos jornalísticos, a emissora consegue ressignificar a sua participação na história recente brasileira.

Na supersérie “Os dias eram assim”, a televisão aparece muitas e muitas vezes: na maior parte delas, como o arauto que anuncia o que é importante “saber”. A televisão surge como objeto de decoração, que ocupa lugar privilegiado na sala de estar, em torno do qual, a família se reúne para ver o mundo e que, ao longo da história, vai ficando leve, portátil, ocupando o espaço dos quartos e outros ambientes domésticos (MUSSE; VIANA; MAGNOLO, 2017, p. 11).

Na supersérie, as imagens de arquivo fotográficas e audiovisuais (em película ou fita magnética) são usadas em três planos da história (MOTTA, 2013): (I) no plano da expressão da história, isto é, nas vinhetas de abertura, passagem e encerramento; e nas cenas de transição de tempo e lugar; (II) no plano da estória (conteúdo, enredo e intriga), na contextualização e marcação de tempo; e, especialmente (III) no plano da metanarrativa (tema, fábula, modelos de mundo), na narração do espaço e do tempo. Neste último caso, as imagens de locutor ao vivo no estúdio, *offs* de repórter, entrevistas e trilhas sonoras do telejornalismo atuam como condutores da história, misturadas às cenas de ficção, criando um efeito de real capaz de ressignificar a temática tratada.

Em especial, na sequência dos capítulos da semana dos dias 12 a 16 de junho de 2017, que tratam dos comícios das “Diretas Já”, em 1984, é possível observar a narrativa híbrida que nos dá a percepção de que a emissora teria estado permanentemente em alerta, cobrindo todos os episódios importantes para a volta da democracia ao país. Se o comício da Praça da Sé, em São Paulo, é rememorado na ficção de forma a ser ressignificado, já que a edição da matéria jornalística com o roteiro ficcional elimina a omissão original da cobertura, de 1984, a preparação e a realização do comício da Candelária, no Rio de Janeiro, são exibidas com riqueza de detalhes da participação das equipes de jornalismo da emissora, o que coincide com um dos pontos de virada da história, quando os protagonistas, separados por anos, voltam a se reencontrar.

O tema do comício da Candelária se estende por mais de uma semana, desde a mobilização para o acontecimento, até sua realização, que se confunde com o reencontro dos protagonistas. Não por acaso: Alice vê Renato pelos olhos de sua câmera fotográfica, na última cena do dia 16, que antecipa a emoção

do reencontro, que é deixada para segunda-feira, isto é, o gancho narrativo criado é mais forte, para manter a atenção do espectador (MUSSE; VIANA; MAGNOLO, 2017, p. 12).

É importante ressaltar a hibridização de jornalismo (estratégias de objetivação) e ficção (estratégias de subjetivação) nessas cenas, um artifício narrativo que permite à emissora ressignificar a sua atuação na história recente do país. Os fatos rememorados em um molde melodramático promovem a identificação do espectador com o narrado, humanizando os fatos brutos e promovendo a sua compreensão como dramas e tragédias humanas. “Ao mesclar a narrativa ficcional às imagens documentais, em especial aquelas dos telejornais da própria emissora, a empresa se posiciona como a grande testemunha do passado recente do país, guardiã da memória e narradora imparcial da história” (MUSSE; VIANA; MAGNOLO, 2017, p. 25).

7. Considerações finais

No Brasil, a televisão é o veículo de comunicação que mais influencia a opinião pública. Entre as várias emissoras em operação no país, seja em canais abertos ou fechados, a Rede Globo de Televisão é aquela que detém a maior audiência e as maiores verbas publicitárias. O tamanho da emissora dá a ela um imenso poder de influenciar a população com seus pontos de vista, resultado de opções editoriais, facilmente observáveis em seus produtos jornalísticos. Sempre cobrada a dar satisfações sobre essas opções, a empresa tem se esmerado em criar narrativas que a reposicionem no imaginário nacional. Os três programas analisados, neste artigo, revelam os artifícios da Rede Globo para reescrever sua história a partir de um reordenamento narrativo dos registros originais do telejornalismo. Dessa forma, a emissora aparece como vítima ou como antagonista da ditadura militar, deixando de lado o apoio que deu ao regime de exceção. Uma tentativa de reescrever a história, em um momento em que a grande mídia enfrenta como nunca antes a concorrência da *web* e da mobilização das redes sociais.

Referências

- DIRETAS já. 2017. **Memória Globo**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/erros/diretas-ja.htm>>. Acesso em: out. 2017.
- HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1996.
- MEMÓRIA Globo Especial. **Globo.com**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/especial-globo-50-anos-2015/4157683/>>. Acesso em: 19 dez. 2017.
- MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- MOTTER, M. L. **Ficção e história: imprensa e construção da realidade**. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.
- MUNGIOLI, M. C. P. Minisséries brasileiras: um lugar de memória e de (re)escrita da nação. In: COLÓQUIO BINACIONAL BRASIL-MÉXICO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: [s.n.], 2009.
- MUSSE, C. F.; THOMÉ, C. Telejornalismo e poder: memórias reconstruídas pelo “Jornal Nacional”. In: EMERIM, C.; FINGER, C.; PORCELLO, F. (Org.). **Telejornalismo e poder**. Florianópolis: Insular, 2016.
- MUSSE, C. F.; VIANA, H.; MAGNOLO, T. S. Minisséries brasileiras: a narrativa e a ressignificação da história recente em “Os dias eram assim”. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, 14., 2017, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2017.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 07-28, dez. 1993.
- OS DIAS eram assim. **Gshow**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/series/os-dias-eram-assim/>>. Acesso em: 20 jul. 2017.
- PAZIN, M. A importância dos centros de memória para as instituições e para a sociedade. **Itaú Cultural**, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/a-importancia-dos-centros-de-memoria-para-as-instituicoes-e-para-a-sociedade>>. Acesso em: 22 ago. 2017.
- THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

VIANA, H. “Especial Globo 50 anos”: da rememoração à historicidade mediada.
Comunicação, Cidade & Memória, Rio de Janeiro: PUCRJ, 2017.

Submetido em: 30/10/2018. Aprovado em: 30/11/2018.